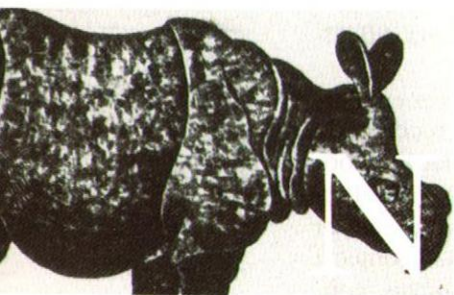


O R I N O C E R O N T E

**PEGADAS
NA TORRE**

EXPOSIÇÃO
TORRE DE BELÉM
JAN. 92 • JUN. 92





O RINOCERONTE NO IMAGINÁRIO OCIDENTAL

a realidade, nós não sabemos se terá existido, de facto, o unicórnio. Em todo o caso, ele era descrito em todos os bestiários, nos quais ocupava um lugar de extrema importância.

A primeira descrição conhecida deste animal fantástico foi feita por Ctésias na sua obra "Índica, cap. XXV". Dá-lhe a forma de um ónagro, ou burro selvagem, a cabeça de cor púrpura, os olhos azuis escuros, com um longo corno que se eleva do meio do seu focinho. Este corno é escarlate na parte superior, negro ao meio e branco na base.

No séc. XV, viajantes como Bernardo de Breydenbach, ao atravessarem o Médio Oriente, falam de um unicórnio no monte Sinai, com corpo de cavalo, patas de elefante, cauda de porco e, em perpétua hostilidade com o elefante.

Os autores antigos localizam-no em diversos lugares, Etiópia, Índia, no Reino de Basman e na China.

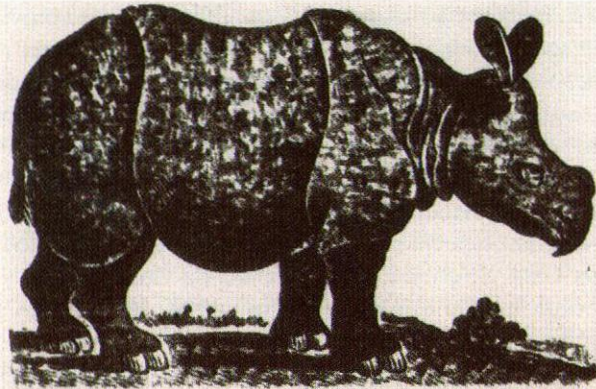
Mas todos são unânimes quando afirmam que tem por inimigo o elefante e, que os seus amigos eram os pássaros. Descrevem também que para combater o elefante, o unicórnio afiava primeiro o seu corno numa pedra.

As superstições relativas a estes animal fantástico são numerosas.

Procurava-se, particularmente, o seu corno que tinha entre outros poderes o de evitar a peste e os venenos. Segundo uma descrição de Ctésias, os habitantes das Índias, fabricavam com ele taças de libação que tinham a propriedade de se quebrar quando nelas era deitado veneno. Ctésias afirmava ainda que quem usasse uma daquelas taças nunca mais estaria sujeito a convulsões ou epilepsia.

Bochart relata-nos, a partir de textos árabes, que os príncipes do Oriente mandavam fazer cabos de adaga com cornos de unicórnio, os quais se cobriam instantaneamente de suor quando cortavam alimentos envenenados.

Mais tarde começamos a ver estas virtudes também atribuídas ao rinoceronte, que no Oriente era também conhecido por unicórnio. Plínio, na sua História Natural, é o primeiro a descrever este animal e a relatar os seus fantásticos prodígios.



The RHINOCEROS,
OR
Real UNICORN,
Just arrived at the
LYCEUM,
NEAR
EXETER - CHANGE
In the STRAND,

FROM the Empire of the GREAT Mogul, he was presented to an English Nobleman by an EASTERN RAJAH, as a Rarity seldom to be met with, and His Lordship has complimented the curious of his native Country by presenting him to a Gentleman who has carefully brought him home for their Inspection

HE is about two Years old in perfect Health

THIS wonderful Beast with his Impenetrable COAT OF MAIL and other singularities is so fully described and admired by Naturalists in general, that we presume it is sufficient to inform those who Contemplate and Admire the boundless Productions of the Creation, that this Herculean Quadrupede is to be seen as above.

Admittance One Shilling each Person.

Seguem-se-lhe Estrabão e Pausânias que tal como Plínio descrevem este assombroso animal, dando especial relevo à sua inimizade com o elefante.

Segue-se então um longo período durante toda a Idade Média, em que os relatos acerca do rinoceronte são escassos ou praticamente inexistentes.

Este período vai terminar com a chegada de um rinoceronte a Lisboa, oferecido pelo Rei de Cambaia ao Rei D. Manuel.

Este animal que imediatamente despertou a atenção da Europa, pelo ineditismo e pela sua carga exótica foi mandado juntamente com muitos outros numa Embaixada ao Papa Leão X, chefiada por Tristão da Cunha.

A manobra diplomática que foi esta Embaixada, teve como consequência imediata a transformação da imagem que transparecia de Portugal.

Assim, o nosso País passou a constituir um verdadeiro empório de exotismo. Esta imagem de insólito e exótico foi, imediatamente entendida e integrada pelos cortesãos portugueses que alteraram os seus gostos, quer a nível de moda quer a nível alimentar, redecorando palácios e casas religiosas para que se concretizasse, verdadeiramente a aparência insólita de Portugal.

Por outro lado, no que diz respeito aos países da Europa, as Grandes Navegações Marítimas Portuguesas deixaram de ser um fenómeno que somente banqueiros e comerciantes olhavam com certa curiosidade, para se tornarem numa porta aberta para o imaginário dos novos mundos, pela qual passavam tanto produtos do longínquo Oriente como também objectos criados em África que iam enriquecendo colecções e gabinetes de curiosidade de príncipes e casas senhoriais de toda a Europa.

Esta sede pelo desconhecido teve natural reflexo nos personagens mais atentos da época — os artistas — que com os novos elementos podiam enriquecer conhecimentos ao mesmo tempo que criavam uma nova linguagem iconográfica que satisfazia a sua clientela.

Circulavam, então pela Europa e, também entre nós, compilações de gravuras que serviam de modelo aos artistas para a realização das suas obras. Devido às excelentes e quase familiares relações existentes entre os feitores portugueses e a comunidade Flamenga, as obras gráficas depressa chegaram até nós tendo aqui um grande impacto e difusão. Dürer o mais activo artista do norte da Europa apercebeu-se imediatamente da importância que a feitoria portuguesa podia ter para lhe proporcionar novas imagens do desconhecido longínquo e, estabelece uma relação estreita com os nossos feitores. Desta relação estreita, cordial, diríamos mesmo familiar, é testemunho, entre outras obras, o retrato a buril de Katherina, Criada Negra do Feitor João Brandão.

No diário de Dürer estão descritas todas as trocas de oferendas entre ele e os feitores portugueses, as quais constituem uma grande diversidade de produtos que vão desde as pedras preciosas às sedas, às penas de pássaros raros e mesmo animais exóticos.

Também o rinoceronte oferecido pelo Rei de Cambaia não escapou à curiosidade de Dürer.

Apesar de ter sido gravado por vários outros artistas, este rinoceronte constituirá um protótipo que irá permanecer no imaginário europeu até ao séc. XVIII, mesmo com as incorrecções na sua representação. Só com o crescente interesse científico baseado na sua observação se irá alterar esta situação.

Poderíamos concluir todo este processo, observando que Portugal passa da situação de exportador de imagens exóticas, à de importador dessas mesmas imagens. Para tal terá, certamente, contribuído o facto dos Portugueses não sentirem tão profunda a diferença entre eles e os Novos Mundos que contactavam pioneiramente. Os Novos Mundos para os Portugueses, eram o seu quotidiano, o que contrastava com a outra Europa, sobretudo a Continental e interior.

Assim, teriam sido estes últimos, nomeadamente os germânicos, a sentir a necessidade de atestar, na gravura e noutras expressões artísticas, essa distância entre os diversos mundos.

Mas uma coisa não podemos esquecer; foi o nosso pioneirismo ao nível das Grandes Navegações que proporcionou ao Ocidente um novo gosto, um novo imaginário.

Ana Anjos Mântua



NÚCLEO I

A ALMA DO MEU PAIS TEVE O TAMANHO DO MUNDO. DA MINHA LÍNGUA VÊ-SE O MAR

Desde Aljubarrota, 1385, que viradas as costas para Castela, um novo grupo social emergente e dinâmico se afirmava com interesses diferenciados da velha nobreza fundiária.

Ao Mar desconhecido voltam-se os anseios, saberes e vontades dos Portugueses, buscando aí uma componente indispensável de manutenção da sua Identidade e da sua Independência. Conquistava-se o Mar e ganhava-se a Pátria.

No mar largo avançavam os Portugueses, com esforço, e arribavam a novos arquipélagos e novos Continentes.

Guiava-os a Fé, sem dúvida, mas com eles seguiam os mapas, as cartas, os portulanos, as cartas de marear, os astrolábios e os quadrantes.

Regressavam quando o risco o permitia, e com eles vinha o alargamento do conhecimento a nível dos vários campos do saber.

Ensinaram depois a Europa a navegar e inundaram o velho Continente de muitos produtos novos e de relatos de terras distantes.

A penetração pioneira desse saber português no Continente Europeu foi há cerca de cinco séculos. “quando a alma do meu país teve o tamanho do mundo”.

Ela é, Hoje um dos mais poderosos capitais da Memória Colectiva, e é-o, simultaneamente duma Europa que se deseja mais diversa e coesa.



01 — Iluminura, Panorama de Lisboa, Torre de Belém, Mosteiro dos Jerónimos, Tejo e Barcos. Esta iluminura pode ser considerada a mais antiga representação da Torre de Belém.

Genealogia do Príncipe D. Fernando,
Simão Bening e António de Holanda, 1530 - 1534.

British Library, Londres.

NAVEGAÇÃO POR RUMO E ESTIMA

Empregue na 1.^a fase dos Descobrimentos, utilizando técnicas já há bastante tempo em vigor no Mediterrâneo, este processo, adequado à navegação sobretudo costeira, consistia em se determinar o Rumo pela utilização da bússula e a distância (em léguas ou milhas) percorrida num determinado espaço de tempo (SINGRADURA), por estimativa do piloto, obtendo-se assim pontos a marcar na carta, designados por **pontos de fantasia** que, teóricamente, indicariam as sucessivas posições do navio na sua rota.

Na fig. 1 estão marcados os sucessivos pontos de fantasia (a, b, c, e o último corresponderia à Ilha da Madeira). Naturalmente que, devido a correntes e a deficiências na leitura dos rumos na bússula, o trajecto seria diferente do assinalado e verificar-se-iam, frequentes erros apreciáveis na navegação.

NAVEGAÇÃO ASTRONÓMICA

A partir da necessidade, surgida nas navegações de e para o Atlântico Sul, de se seguir pelo trajecto designado por “volta da Mina ou da Guiné”, longe das costas, por espaço de tempo apreciável, devido ao regime de ventos e de correntes, adoptou-se a técnica de navegar astronómicamente, baseada em princípios teóricos e práticos já enunciados.

Neste tipo de navegação o principal elemento era o de ir determinando a posição, em latitude, do navio ao longo da viagem, segundo o rumo escolhido e marcando essa posição na carta de marear. Esta determinação era efectuada no final de cada singradura e o **ponto de esquadria** marcado na intersecção do rumo marcado com o paralelo alcançado. Na fig. 2 estão assinalados esses pontos (a', b', c' e a Madeira).

Este processo permitia ainda determinar o valor da distância percorrida entre os paralelos (na fig. 2: y) de partida e chegada, já que bastava multiplicar o valor angular (diferença das latitudes) pelo valor de um grau em léguas (em Portugal este valor, difícil de determinar variou, mas Duarte Pacheco Pereira atribuiu-lhe 18 léguas ao grau, extraordinariamente aproximado ao valor modernamente aceite 18,75). No caso vertente teríamos:

$$y = (39,66 - 37,8) \times 18 \text{ léguas} = 33,48 \text{ léguas, aproximadamente } 198 \text{ km.}$$

ASPECTOS DA NÁUTICA DOS DESCOBRIMENTOS

Nos dois esquemas que se seguem, para melhor explicar as navegações na época dos Descobrimentos, parte-se de determinadas hipóteses explicativas no sentido de facilitar a sua compreensão.

Assim:

1.º) É encarada uma viagem de Lisboa para a Ilha da Madeira;

2.º O rumo (magnético, naturalmente) foi considerado, em aproximação, ser SO (Sudoeste), já que o problema da declinação magnética só tardiamente se tornou aparente. Admite-se pois que, na carta de marear do piloto, a Madeira estivesse segundo esse rumo, estado o centro da rosa dos ventos principal colocado em Lisboa;

3.º Admite-se que a duração da viagem correspondesse, para simplificar, a 4 singraduras (cada singradura correspondia ao período de 24 horas durante as quais o navio, teóricamente, navegava segundo rumo constante e findo o qual se procedia à marcação dos pontos de fantasia ou de esquadria na carta de marear).

No caso da navegação astronómica o fim de cada singradura correspondia ao momento em que se procedia à determinação da altura do astro que tinha sido escolhido - inicialmente a Estrela Polar (Hemisfério Norte), depois o Sol, Cruzeiro do Sul (Hemisfério Sul) e eventualmente outros, podendo-se até utilizá-los como meios complementares uns dos outros.

MEDIÇÃO DA ALTURA DE UM ASTRO COM O QUADRANTE

A altura de um astro correspondente ao arco de meridiano compreendido entre o horizonte verdadeiro e o astro. Em medidas angulares é pois igual, num determinado lugar, ao ângulo formado por duas rectas partindo desse mesmo lugar, uma dirigida ao horizonte e outra ao astro considerado.

Os instrumentos utilizados na nossa náutica dos Séculos XV e XVI, adaptados de outros já anteriormente usados na astronomia (cosmografia), foram o quadrante, o astrolábio e a balestilha.

O quadrante, fig. 04.1, possivelmente o primeiro a ser utilizado, era construído por um sector de círculo, em que os raios eram perpendiculares entre si. O arco era graduado de 0 a 90 graus. Do vértice partia uma alidade, cordão com um peso na extremidade. Para se medir a altura, visava-se o astro por duas pínulas perfuradas, e media-se o ângulo, directamente, na posição em que a alidade interceptava o sector.

A fig. 4 demonstra que esse valor B, medido no sector correspondia à altura do astro C.

A fig. 04.2 mostra como se efectuava a leitura para uma estrela e para o Sol.

DETERMINAÇÃO DA LATITUDE GEOGRÁFICA

1 — Pela estrela polar (Úrsa Menor).

Sabendo-se que a latitude geográfica é, em cada lugar, igual à altura do polo aparente sobre o horizonte bastaria, para obter a latitude, medir a altura da estrela

polar, se ela ocupasse verdadeiramente o polo aparente. Porém descrevendo ela uma circunferência à volta do polo, de raio igual à distância angular de 3,5 graus (segunda metade do sec. XV), tornava-se necessário introduzir essa correcção. A náutica portuguesa desenvolveu técnicas que permitiram calcular as correcções, não só para uma posição da polar, mas para oito posições, que englobavam todo o seu percurso à volta do polo, possibilitando praticamente leituras da sua altura a qualquer hora.

(Regimento da Estrela do Norte).

2 — Pelo sol.

A determinação da altura do polo ao meio-dia era um processo mais complicado, posto que necessitava de se saber a declinação do sol em cada dia (declinação é o arco do meridiano do astro compreendido entre este e o equador celeste). A partir da leitura da altura do sol, aquando da sua passagem no meridiano local, calculava-se a latitude entrando em linha de conta com a declinação solar nesse dia. Os portugueses aperfeiçoaram estes conhecimentos nas célebres Tábuas do Sol e no Regimento da altura do polo a qualquer hora do dia, este último enunciado por Pedro Nunes. (Fig. 6)

NAVEGAÇÃO por RUMO e ESTIMA

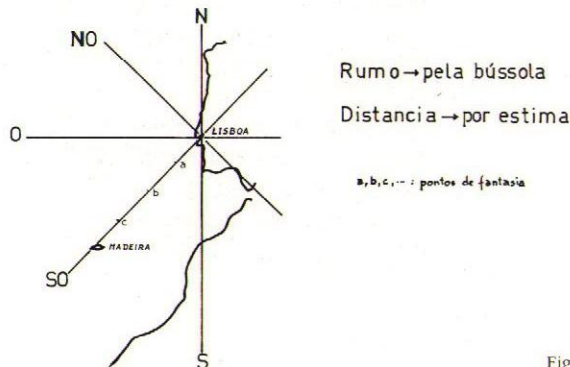


Fig. 1

Medição da ALTURA de um Astro com o Quadrante

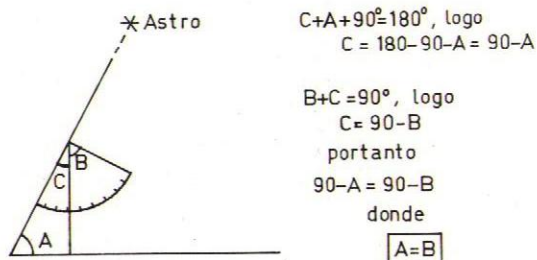


Fig. 4

NAVEGAÇÃO ASTRONÓMICA

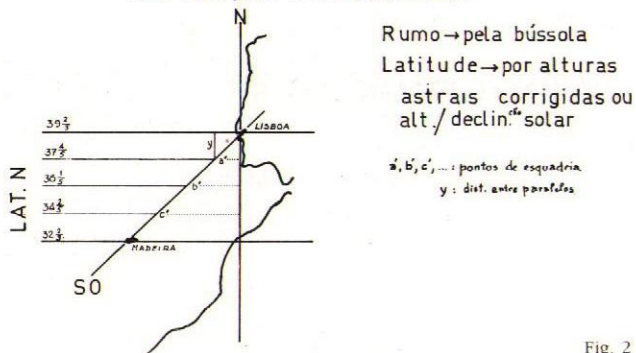


Fig. 2

Determinação da Latitude geográfica

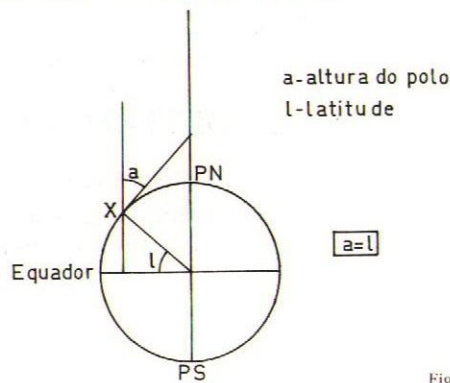


Fig. 6

02 — Planisfério de Jorge de Aguiar, 1492.

Beinecke Rare Books and Manuscript Library, Yale.
Portugaliae Monumenta Cartographica.

Imprensa Nacional — Casa da Moeda, Lisboa, 1987.

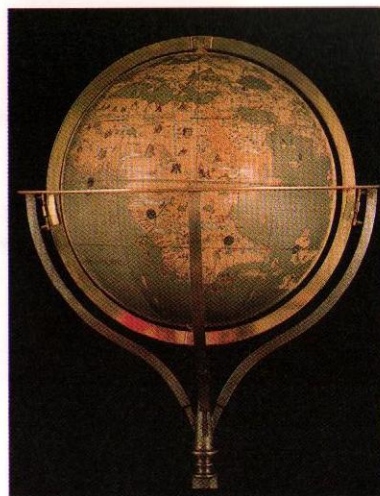


03 — Globo Terrestre de Martin Behaim, c. 1492.

Germanisches Museum, Nuremberga
Réplica em madeira.

ϕ 470 mm.

Museu de Marinha, Lisboa.



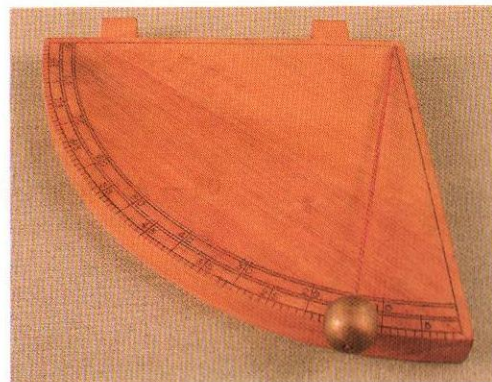
04 — Quadrante, séc. XVI.

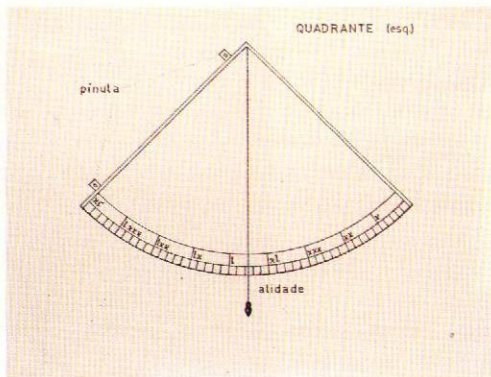
Réplica em madeira.

Alt. 220 mm.

Larg. 220 mm.

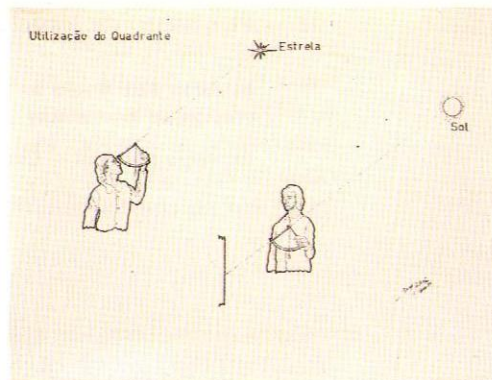
Museu de Marinha, Lisboa.





04.1 — Quadrante.

Desenho de Nuno Rubim, Lisboa 1991.



04.2 — Descrição de como era utilizado o quadrante.

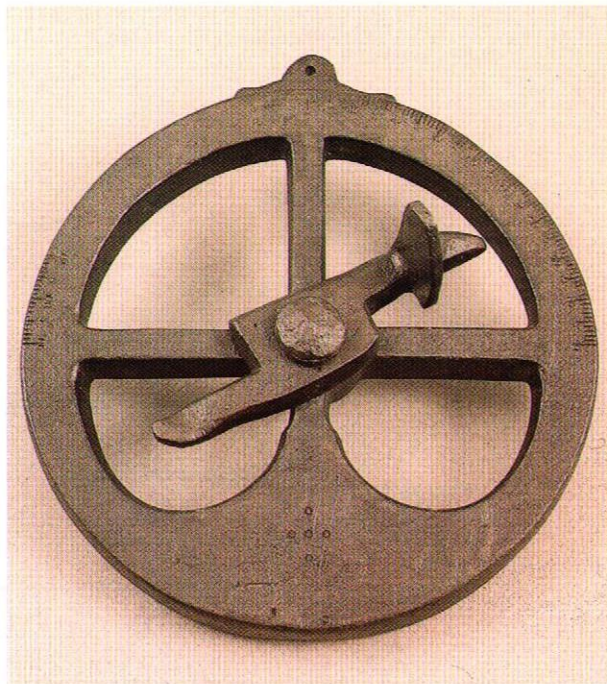
Desenho de Nuno Rubim, Lisboa, 1991.

05 — Astrolábio, (Madre Deus), séc. XVI

Réplica em metal.

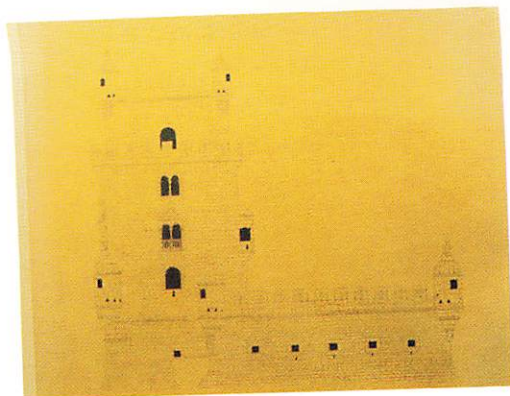
φ 190 mm.

Museu de Marinha, Lisboa





09 — Torre de Belém.



09.1 - Torre de Belém.

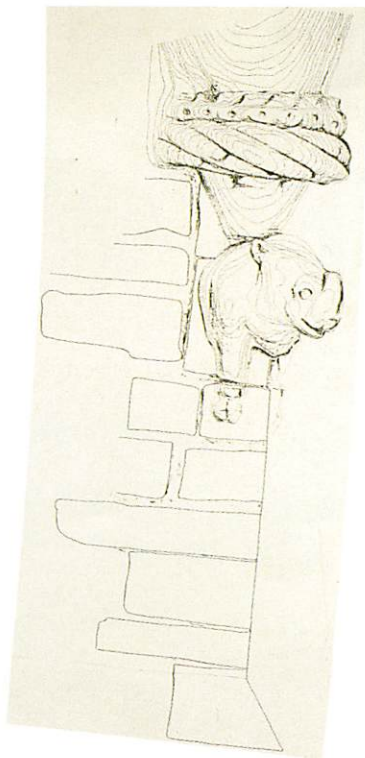
Levantamento fotogramétrico.

Estereofoto

10 — Rinoceronte esculpido, existente na base de uma guarita, virada a Ocidente, da Torre de Belém.

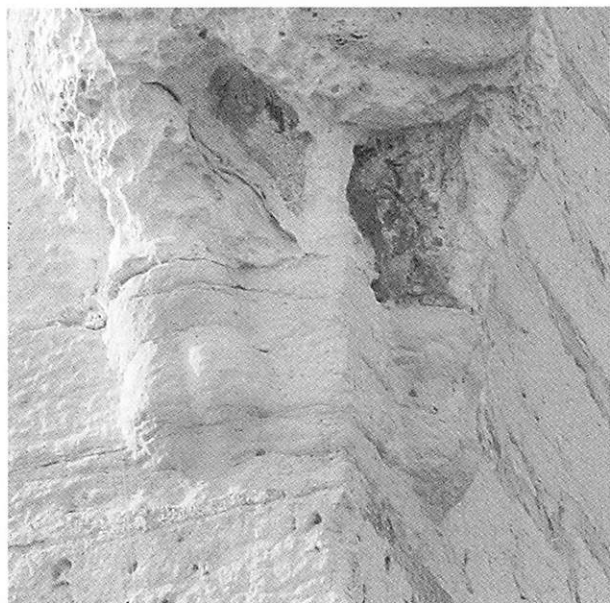
Levantamento fotogramético.

Estereofoto.





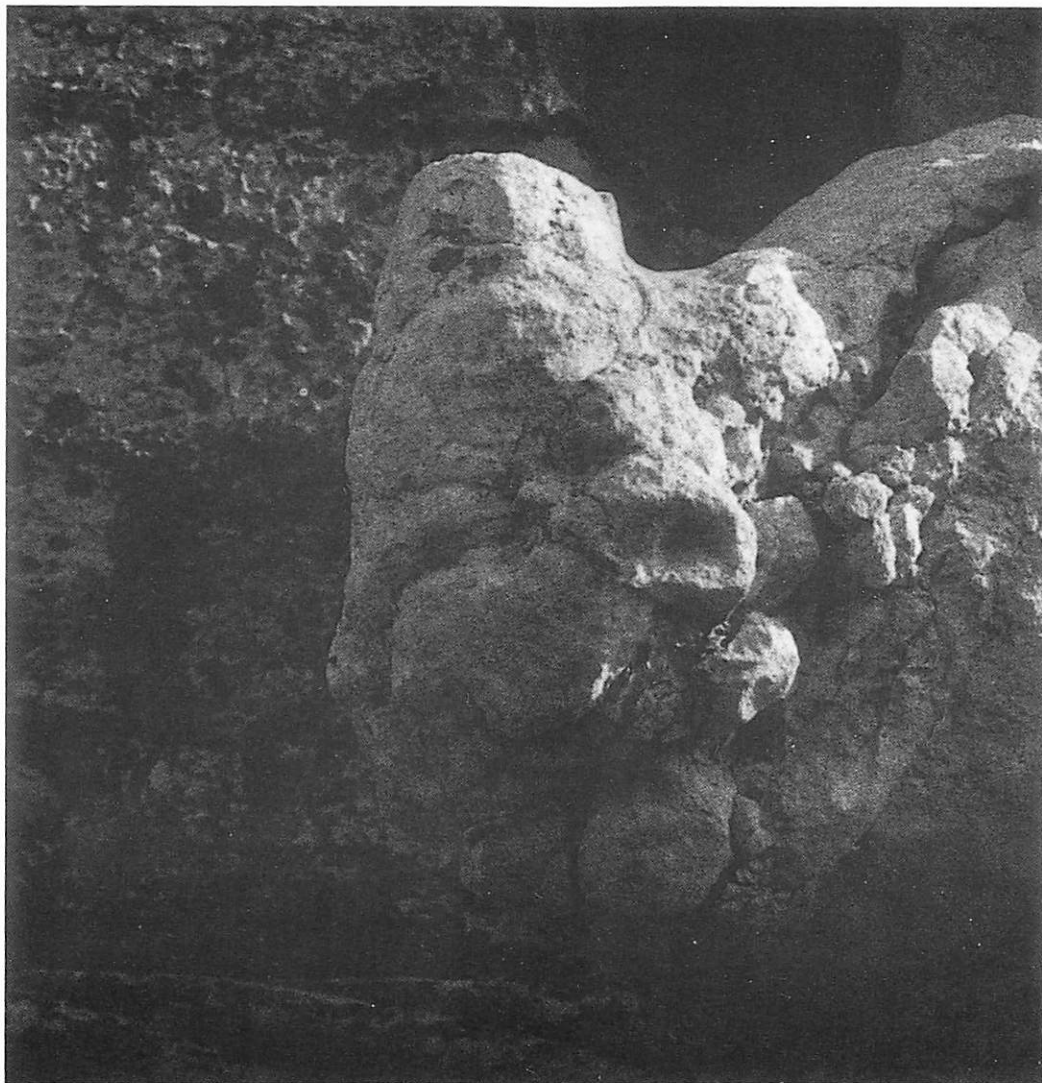
11 — Rinoceronte esculpido existente na base de guarita, virada a Ocidente, da Torre de Belém. Considerado como a primeira escultura de um rinoceronte em toda a Europa.



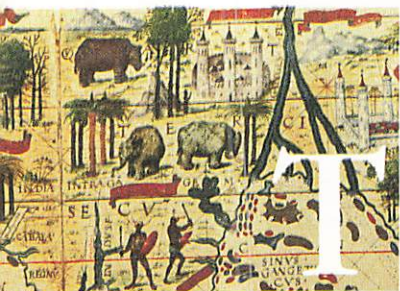
11.1 — Rinoceronte. Pormenor da pata ungulada.

11.2 — Rinoceronte. Pormenor da orelha.





11.3 — Rinoceronte. Pormenor do corno.



NÚCLEO II

ARTE E SABERES — O AVANÇO PORTUGUÊS

udo começou aqui, junto ao rio, na Lisboa fervilhante e cosmopolita do sec. XVI. No cais, o movimento era intenso, os carregadores corriam em direcção aos barcos que tinham acabado de atracar. Algumas vezes, até o próprio Rei ali se deslocava para ser o primeiro a ver as preciosas cargas trazidas de além-mar. O desconhecido, o exótico arrebatava as multidões. Um dia, na primavera do ano de 1515, num desses barcos que chegavam ao porto, vinha um animal que fez movimentar cortes inteiras, reis e príncipes, artistas e cronistas, enfim, fez vibrar toda a Europa. Tinha desembarcado um rinoceronte em Portugal.

01 — Rinoceronte visto por um português na Índia

“era allimaria mansa, baixa, de corpo hum pouco comprido; os coiros pés e maos d’alifante; a cabeça como de porco, comprida; os olhos junto do focinho; e sobre as ventas tinha um corno, grosso e curto, delgado na ponta. Comia erva, palha e arrôs cosido”.

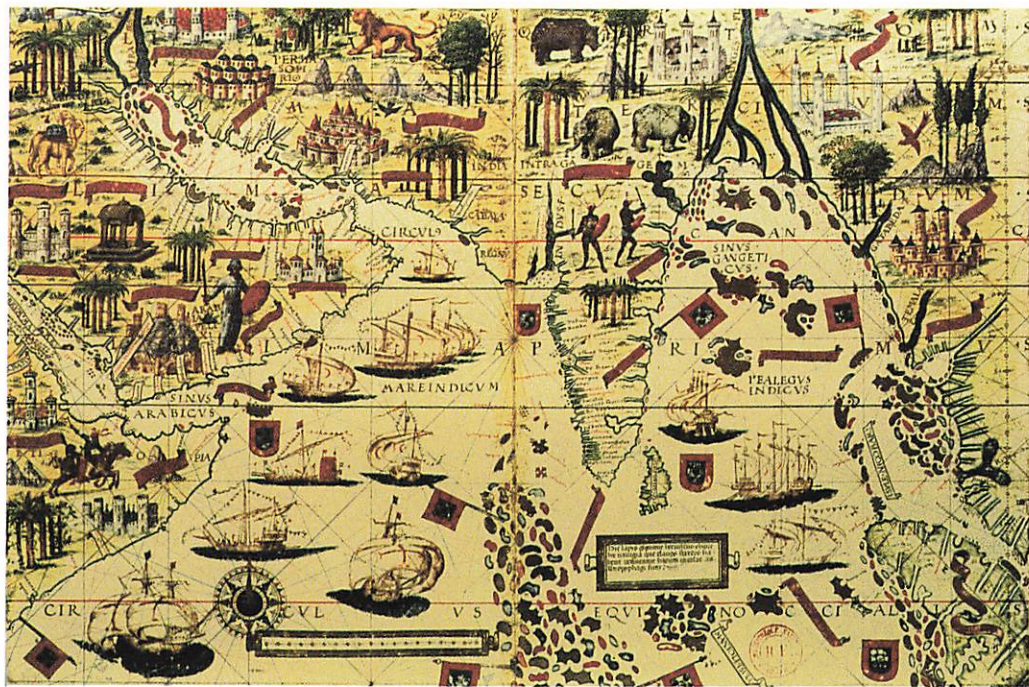
Lendas da Índia de Gaspar Correia, 1512.
Lisboa, 1858-64.

02 — Ordem de Afonso de Albuquerque, sobre Oçem

“A Francisco Corvinel, feitor de Goa e escrivães da dita feitoria. O capitão geral vos manda que deis a Oçem, que vai com a ganda (1) a Portugal, um pardau e um vestido de panos, desses que tendes, dos quais lhe faço mercê em nome de el-Rei nosso Senhor e por isto, com assento dos ditos escrivães, vos será levado em conta, feito em Goa aos 20 dias de Outubro. Fernão Moniz o fez de 1514. Afonso de Albuquerque.

(1) Designação do rinoceronte na Índia.

Cartas de Afonso de Albuquerque, VI, pag 147



03 — Rinoceronte. O Oriente. Atlas Miller de 1519.

Lopo Homem — Reineis, 1519.

Bibliothèque Nationale de Paris.

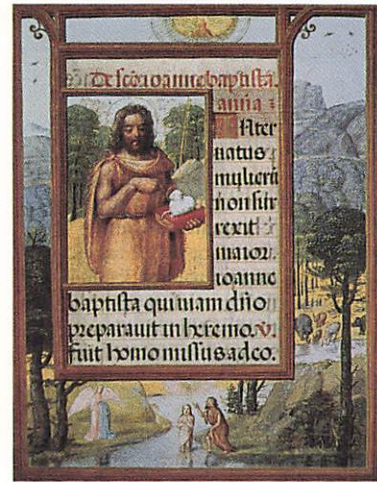
Fot. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.



04 — Rinoceronte e outros animais selvagens numa Iluminura que representa o Repouso durante a fuga para o Egipto.

Livro de Horas de Dom Manuel,
sec. XVI.

Museu Nacional de Arte Antiga,
Lisboa.



05 — Rinoceronte e outros animais selvagens numa Iluminura que representa São João Baptista.

Livro de Horas de Dom. Manuel,
sec. XVI.

Museu Nacional de Arte Antiga,
Lisboa.

06 — Rinoceronte, outros animais selvagens e Homens Silvestres.

Iluminura, Genealogia do Príncipe Dom
Fernando, 1530 - 1534.
Simão Bening e António de Holanda.

British Library, Londres.





07 — Retrato de Damião de Góis, inserido na obra. “Urbis Lovaniensis Obsidio” do mesmo autor, de 1546.

Albrecht Durer, sec XVI.

Biblioteca Nacional de Lisboa.

Fot. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.



07.1 — Retrato de Dom Manuel.

Iluminura, Leitura Nova, Livro de Alem Douro, Sec. XVI.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa.

Fot. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

07.2 — “(...) Destas duas allimarias quis el Rei Dom Emanuel ver por experiência a força, & manhas que cada huma dellas tinha em se defender, & cometer a outra (...), ordenou que as trouxessem a hum circuito, ou pateo cercado de paredes altas com ameas que naquelle tempo estava diante da casa da contractaçam da India, & guine, das quaes a primeira foi o Rhinocerota que assi como entrou o poderam detras de hus panos darmar que estavam pendurados em pasadiço que hia da sala del Rei pera da Rainha, isto porque o Elephante o nam visse ao entrar da porta, & logo dahi a hum pouco entrou o Elephante nas costas do qual os homens da guarda del Rei fecharam as portas do pateo (...)”

Damião de Góis.

Crónica de Dom Manuel, Sec. XVI.



08 — Rinoceronte numa representação de São Jerónimo penitente.

Autor desconhecido. Escola Portuguesa.

Sec. XVI.

Dim.: 420×360 mm

Col. Part.



09 — Rinoceronte fêmea enviada da “Etiopia” a El-rei D. Sebastião em 1577.

Ilustração retirada do “Sumário dos Reis de Portugal”, da autoria provável de Pero Andrade Caminha.

Col. Part.

09.1 — “(...) Tornando a este que tratamos é a fêmea e não é tão veloz como o macho e tem as orelhas mais compridas. Chamam-lhe na língua da terra abada. É muito mansa e vagarosa. Come quanto lhe dão. Silicet. Palha cevada trigo e os mais legumes, será tamanha como um boi grande. Dizem que tem muita virtude para sarar gafos e que um negro que tinha cuidado dela que com o seu bafo por dormir a par dele que sarou e que o sangue aproveita para muitas enfermidades (...) Tem-na El-Rei em grande estima qui la aqui desenhar por ser cousa nova a nós e muito estranha e dar fim a este livro pois neste tempo veio”.

“Sumário dos Reis de Portugal”.

Autoria provável de Pero Andrade de Caminha.

Leitura actualizada. António Borges Coelho.

Col. Part.

10 — Frontespício da Primeira Edição da Ethiopia Oriental Varia História de Cousas Notáveis do Oriente, de Frei João dos Santos. Esta obra foi dedicada, pelo autor, a D. Duarte bisneto de D. Manuel em 20 de Março de 1609.

Fot. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.



10.1 — Ethiopia Oriental, Vária História de cousas notáveis do Oriente, Bibliotheca de clássicos Portuguezes, Livro.

Frei João dos Santos, Lisboa, 1891. Documentos Arábicos para a História Portuguesa.
Arquivo Histórico Ultramarino.

10.2 — “(...) Em partes é deserta, áspera, e infructifera onde se criam muitas feras, como são leões, tigres, onças, ursos e muitos animais silvestres e bravos como são: elefantes, badas (2), bufaros, vaccas bravas, que são muito semelhantes às mansas, veados, empophos, que são muito semelhantes a cavalos (...). (2) Bada ou abada era a designação vulgar que se dava naquela época ao rinoceronte africano.

Ethiopia Oriental Varia História de cousas notáveis do Oriente, Frei João dos Santos, 1608”.
Bibliotheca de Clássicos Portuguezes, Lisboa 1891.

- 11 — Vera Descriptio Regni Africani, Quod Tam Abincolis quam Lusitanis Congus Appellatur Per Philippum Pigafettam, 1598.

Esta obra embora tivesse, durante muito tempo, sido atribuída a Pigaffeta ela é, na realidade da autoria de Duarte Lopes, constituindo assim a primeira história do Congo. Sec. XVI.

Biblioteca da Ajuda, Lisboa.

- 12 — Rinoceronte numa descrição dos Animais de Angola.

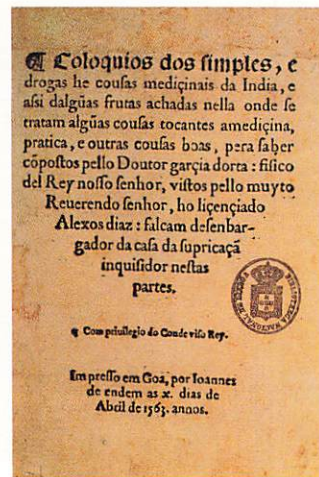
“(…)Das abadas que unicornes se podem chamar há muitas, principalmente em nosso reino de Benguela e suas províncias, de onde vêm aquellas estimadas pontas, assim para ornato e grandeza dos escriptorios, como pella virtude que em si encerrão de serem algumas dellas fina contrapeçonha; e he o Autor desta historia boa testemunha por ver fazer a experiênciã e prova disso (…)”.

História Geral de Angola de António Oliveira Cardonega, 1680 - 1681.

Academia das Ciências, Lisboa.

13 — Frontespício da Primeira edição dos Colóquios dos Simples e Drogas da Índia da autoria de Garcia da Orta.

Fot. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.



13.1 — Moeda de 200 escudos comemorativa de Garcia da Orta.

Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa.

13.2 — RUANO.

“(…) Tambem diz Plinio muytas cousas alem destas, scilicet, que tem guerra com o renoçerote sobre o pasto.

ORTA

“Estes renoçerotes ha em Cambaia, onde parte com Bengala, e no Patane, e chamamlhes “ganda”: não sam tam bons no amansar como os elefantes, e per esta rezam nunca pude saber isto bem sabido; porem rezam que dous animaes tam grandes e feros se queiram mal naturalmente; e quando escrever do licio farei memoria deste animal, onde direi o que mais souber (…)”.

Coloquios dos Simples e Drogas da India por Garcia da Orta.

Reprodução em facsimile da edição de 1891 dirigida e anotada pelo Conde de Ficalho, Vol. I, pag. 310.

Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa.

13.3 — ORTA

“(…) E quanto aos rinocerotes (a que os Indios chamam “gandas”), não os ha domesticados nesta; e pode ser que os aja bravos em Bengala ou no Patane, e nas terras que tem os Patanes os ha, e alguns fazem domesticos (…)”.

Coloquios dos Simples e Drogas da India por Garcia da Orta.

Reprodução em facsimile da edição de 1891 dirigida e anotada pelo Conde de Ficalho, Vol. II, pag. 75.

Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa.



14 — Rinoceronte na Tabua das Novas Partes de Africa.

Atlas de Martin Waldseemüller, 1513.

1ª Edição de Servetus, 1535.

Col. Part.



15 — Dom Manuel representado cavalgando um grande peixe. Tabua das Novas Partes de Africa.

Atlas de Martin Waldseemüller, 1513.

1ª Edição de Servetus, 1535.

Col. Part.



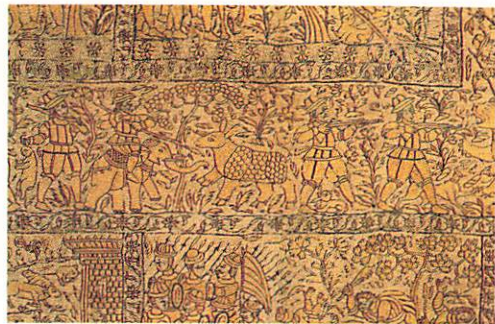
16 — Rinoceronte representado num mapa de Africa.

Mapa de Petrus Plancius, 1594.

17 — Rinoceronte numa colcha bordada
Indo-Portuguesa.

Séc. XVII.

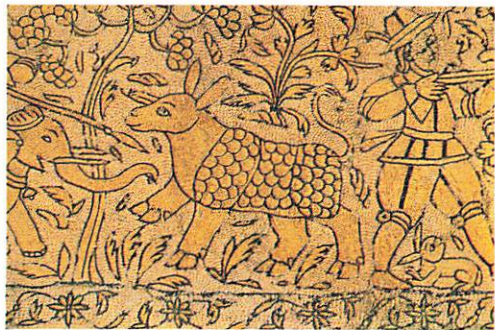
Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa.



17.1 — Rinoceronte num pormenor de uma
colcha bordada Indo-Portuguesa.

Séc. XVII.

Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa.



- 19 — Carta escrita por Valentim (Fernandes) de Morávia, alemão, a um mercador de Nuremberga. Lisboa, 1515. O texto original perdeu-se, tendo-se salvo uma tradução em italiano que se encontra na Biblioteca Nazionale Centrale de Florença.

“Carissimo irmão. Aos 20 deste mes de Maio, de 1515, chegou aqui a Lisboa, cidade nobilissima de toda a Lusitania, emporio no presente excelente, um animal chamado pelos gregos “rinoceros” e pelos indios “ganda”, mandado pelo poderosissimo rei da cidade de Combaia da India, para presentear a este serenissimo Manuel, rei de Portugal (...)”.

Deambulações da ganda de Modafar, Rei de Cambaia, de 1514 a 1516, de Fontoura da Costa. Divisão de Publicações e Biblioteca, Agencia Geral das Colónias, Lisboa, 1937.